

**AVES SIN NIDO:  
UM ESTUDO  
SOBRE A REPRESENTATIVIDADE DO FEMINISMO  
NA OBRA DE CLORINDA MATTO DE TURNER**

*Geralda Micaela Grilo* (UNIFSJ)

[mica26grilo@gmail.com](mailto:mica26grilo@gmail.com)

*Rubiane Pereira de Almeida Braga* (UNIFSJ)

[rubipbraga@hotmail.com](mailto:rubipbraga@hotmail.com)

*Clodoaldo Sanches Fófano* (UNIFSJ)

[clodoaldosanches@yahoo.com.br](mailto:clodoaldosanches@yahoo.com.br)

**RESUMO**

Esta pesquisa tem como objetivo, realizar um estudo sobre a representatividade do feminismo na obra *Aves sin Nido*, da autora peruana Clorinda Matto de Turner. Para isso, apresenta aspectos gerais da obra. Em seguida, aborda a figura de Clorinda Matto de Turner como voz defensora da mulher na literatura hispano-americana. Após expõe análises de trechos da novela, destacando as principais personalidades representativas do feminismo. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de base qualitativa, considerando as contribuições de teóricos cujas obras são pertinentes ao foco deste artigo. Dentre eles, cabe destacar José María Arguedas (2017), Verónica Baltodano (2013), Rocío Ferreira (2005), entre outros. Concluiu-se que na obra em avaliação encontra-se representações do feminino, que se identifica com o movimento feminista, contribuindo para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e solidária, em especial na figura de Lucía Marín, personagem que não se deixa levar por atitudes machistas da época, comportando-se como uma pessoa digna, feminina e madura.

**Palavras-chave:** Representatividade. Personagens femininas.  
Clorinda Matto de Turner. Literatura hispano-americana.

**1. Introdução**

"Habría que anotar, complementariamente, que Clorinda Matto fue también una activa propulsora de la educación de la mujer". (JÁCOME, 2000, p. 46)

O estudo em pauta visa realizar uma análise sobre a representatividade do feminismo na obra *Aves Sin Nido*, da autora peruana Clorinda

Matto de Turner. Dessa forma verifica até que ponto as personagens femininas, são de fato convergentes com o movimento feminista, já que a literatura além de ser um entretenimento é também uma ferramenta utilizada pelos autores para retratar, mas também criticar comportamentos sociais em questão.

Busca-se, nesta pesquisa, tratar da relação entre ficção e feminismo, por meio de uma visão analítica e comparada a fim de se responder à seguinte *questão-problema*: De que maneira a representatividade do feminismo está retratada na narrativa realista hispano-americana de ficção *Aves Sin Nido*, de Clorinda Matto de Turner?

Essa análise traz consigo como **objetivo** geral identificar a representatividade do movimento feminista presente nas personagens femininas no texto de literatura de ficção mencionado. Já como objetivos específicos foi necessário: 1) apresentar aspectos gerais da obra. 2) abordar a figura de Clorinda Matto de Turner como voz defensora da mulher na Literatura Hispano-americana. 3) expor análises de trechos da novela, destacando as principais personalidades representativas do feminismo.

A justificativa desta pesquisa evidencia-se pelos estudos feitos de literatura hispano-americana em que se identifica uma semelhança entre o movimento feminista na sociedade de uma maneira global e as características das personagens femininas retratadas na obra de literatura de ficção *Aves Sin Nido*. Devido a tal semelhança, surgiu a necessidade de identificar os pontos semelhanças entre o movimento vivido pelas mulheres na sociedade e as personagens da narrativa abordada.

A metodologia utilizada para esta análise é a revisão bibliográfica, que se constitui do acervo bibliográfico científico de contribuições sobre o determinado tema. De posse desse material, são estabelecidas considerações sobre suas ideias, articulando-as no que converge e no que diverge entre elas.

Sobre o movimento feminista vivido pelas mulheres da sociedade, buscou-se os estudos de Cora Ferro e Ana María Quiroz (1993). No que se refere às características das mulheres na obra de ficção, recorreu-se à obra literária do *corpus* deste estudo. De tal modo, faz-se necessário ressaltar que existem poucos estudos acadêmicos que fazem abordagem do feminismo na obra, ou seja, existe um silêncio no tratamento dado à mulher, apesar da relevância feminina dentro de *Aves Sin Nido* não ser desconhecida. Por isso a importância de uma análise concreta sobre o tema.

Três seções compõem o desenvolvimento deste artigo. A primeira faz apresentação de aspectos gerais da obra literária que é *corpus* deste estudo. Na seguinte seção, discorre-se como era o movimento feminista e sua representação na vida de Clorinda Matto de Turner, exibindo a figura da autora como voz defensora do feminino na Literatura Hispano-americana. Na sequência, expõe análises de fragmentos da novela, destacando as principais personalidades representativas do feminismo.

## 2. Aspectos gerais de *Aves Sin Nido*<sup>68</sup>

A novela em análise pertence a estimada escritora peruana Clorinda Matto Turner (1852-1909). Publicada no ano de 1889, *Aves Sin Nido* é a primeira de três obras da autora, reconhecida por pertencer ao movimento literário indigenista, que é um gênero basicamente pertencente a literatura peruana. Sobre tal movimento, é pertinente evidenciar que:

*La literatura indigenista logra demostrar lo Infundado de la interesada imagen del indio degenerado, a quien no le corresponde otro destino que el de la servidumbre, y de un tipo de servidumbre que resulta un «privilegio», pues, ni siquiera como siervo es suficientemente eficaz. La narrativa llamada indigenista alcanza a tener el valor no sólo de documentos acusatorios, sino de revelaciones acerca de la integridad de las posibilidades humanas de la población nativa.* (ARGUEDAS, 2017, p. 6-7)

Sendo assim, o índio na literatura é descrito como uma figura inserida na sociedade com uma visão degenerada, impedido de exercer seus direitos como nativo, que é ser livre, para ter que trabalhar muito para pagar impostos governamentais. Logo, apesar de ser uma literatura que descreve o índio com esse perfil, ela não é só acusatória, mas também faz revelações sobre a população nativa como uma espécie de fotografia, destacando problemas sociais e virtudes. Pode-se perceber essa declaração logo no início do prefácio da narrativa em estudo (2003, p. 2):

*Si la historia es el espejo donde las generaciones por venir han de contemplar la imagen de las generaciones que fueron, la novela tiene que ser la fotografía que estereotipe los vicios y las virtudes de un pueblo, con la consiguiente moraleja correctiva para aquéllos y el homenaje de admiración para éstas.*

---

<sup>68</sup> Daqui por diante, as citações que compõem o referencial teórico deste artigo, juntamente com trechos selecionados da novela para análise, encontram-se reproduzidos em itálico porque pertencem à Literatura Hispano-americana. Sendo assim, esse material está escrito em Língua espanhola.

Portanto, Clorinda Matto de Turner (1852-1909), em *Aves Sin Nido*, busca demonstrar a visão dela sobre o índio inserido na sociedade, aproveitando para exaltar a figura feminina com uma história que começa contando sobre a personagem Marcela, uma mulher indígena, mãe de duas meninas – Margarita e Rosalía.

Desse modo, Marcela desesperada pelo fato de sua família encontrar-se em uma situação de risco por dever impostos ao governo e dinheiro ao clero pelo funeral de sua sogra, sai apressadamente aflita, atrás de ajuda da senhora Lucía, que é uma mulher de classe nobre, porém de coração generoso. Isso porque o marido de Marcela está enlouquecido ao temer a cobrança dos impostos.

Tal fato se evidencia no capítulo II (2003, p. 5):

*Yo quiero salvar a mi marido. Él me há dicho al salir: "Uno de estos días he de arrojarme al río porque ya no puedo con mi vida, y quisiera matarte a ti antes de entregar mi cuerpo al agua", y ya tú ves, señoracha, que esto es desvarío.*

Como se percebe, Lucía ao ver o sofrimento da personagem Marcela, prontifica-se a ajudar no que for necessário.

Para tanto, organiza uma reunião em sua casa convidando o padre da cidade e o governador, visto que são para essas pessoas que a família da índia deve. As duas autoridades, ao ouvirem sobre perdoar a dívida da família nativa, proposta assim sugerida pela senhora, imediatamente sentiram-se afrontados e indignados com o tamanho absurdo proferido por Lucía, que agindo assim, estava contra as tradições da sociedade que propunha cobrar impostos aos nativos.

No capítulo V (2003, p. 10), pode-se observar referência a tal acontecimento: *"francamente, sepa usted, señorita, que la costumbre es ley, y que nadie nos sacará de nuestras costumbres"*. Diante disso, saindo da casa de Lucía, o governador e o padre organizam uma reunião juntamente com todos os outros homens de poder da cidade, para semear acusações e insultos sobre o casal Marín, representados na narrativa por Lucía e seu esposo Fernando.

Lê-se no capítulo VIII (2003, p.16):

*No faltaba más, francamente, mi señor cura, que unos foráneos viniesen aquí a ponernos reglas, modificando costumbres que desde nuestros antepasados subsisten, francamente – contestó el gobernador deteniendo un poco el paso para embozarse en su gran capa.*

Plantada as acusações que afirmavam que o referido casal queria acabar com os costumes da sociedade, no dia seguinte, o governador junta-se com outros militantes do governo para ir até a casa de Marcela e de seu esposo Juan Yupanqui, para receberem o *reparto*<sup>69</sup>. Já que os nativos não tinham dinheiro, o governador faz de cativa a filha caçula deles como forma de pagamento. Desse modo, os pais só teriam a filha de volta se pagassem a dívida.

Logo após, Marcela e Juan Yupanqui saem às pressas para a casa dos Marín, com esperança deles os ajudarem. Chegando lá, Lucía emociona-se e revolta-se com as injustiças daquela cidade. Em seguida a personagem pede o esposo ajuda para a família indígena. Perante o sucedido, Fernando, por ser um homem honesto e de coração nobre, encontrou-se com o governador acompanhado pelo índio e pagou a dívida, resgatando a pequena Rosalía, para a alegria do pai e de todos que desejassem o bem para a cidade de Kíllac.

Enquanto o episódio do resgate de Rosalía se transcorria, Lucía entrega a Marcela um punhado de prata que havia conseguido com seu esposo, para que a índia fosse pagar a dívida que tinha com o padre. O pároco no momento de receber a prata de Marcela, demonstrou-se muito interessado na menina Margarita, insinuando que como ela já era uma mocinha, poderia começar sua *mita*<sup>70</sup>.

No momento em que a índia entrega a prata para o padre e ele se espanta, uma vez que não entendia onde ela teria conseguido o dinheiro. Então, o sacerdote começa a acusar a índia, dizendo que ela teria se prostituído para conseguir o dinheiro. No capítulo XII (2003, p. 27) encontra-se o registro de tais insultos:

*¿Quién te ha dado esta plata? ¿Quién ha ido anoche a tu casa? -No ha-*

---

<sup>69</sup> Termo utilizado para representar un sistema que consistía en la rotación por temporadas de los trabajadores nativos, los cuales realizaban obras públicas, al servicio de la administración, a diferencia de la encomienda que era para particulares, a cambio de una remuneración ínfima. Cf. Real Academia Española. *Salvat Léxico: Diccionario de La Lengua. Enterprise Idiomas: Barcelona, 2001. p. 702.*

<sup>70</sup> Vocablo que se refiere a un sistema de trabajo que se utilizaba en el imperio Inca o Tahuantinsuyo en el cual se les obligaba a los varones de cada comunidad (ayllu) que tenían una edad comprendida entre los 18 y los 50 años a trabajar por turnos durante un determinado periodo de tiempo a favor del estado incaico. Cf. TORO, Julián Córdoba. *El trabajo indígena en los Andes. La mita. Revista-red de estudios sociales.* Disponível em: <https://iberoamericasocial.com/el-trabajo-indigena-en-los-andes-la-mita/>. Acesso em: 16 de out. 2017.

## *Círculo Fluminense de Estudios Filológicos e Lingüísticos*

*bles así, tata curay, el juicio te merario cuando sale de los labios oprime el pecho como piedra. -India bachillera, ¿quién te ha enseñado esas gramáticas?... Háblame claro. -Nadie, tata curay, mi alma está limpia. -Y, ¿de dónde has sacado esa plata? A mí no me engañas, yo quiero saberlo. -Un cristiano, tata curay -respondió Marcela bajando los ojos y tosiendo con ficción.*

Marcela por ser uma mulher desceute, conta ao padre que Lucía havia lhe emprestado a prata, para saudar sua dívida. O religioso não satisfeito com o ocorrido, recebe a prata. Após, a índia e sua filha seguem de volta para a casa dos Marín, que nessa altura já teriam recuperado a outra filha caçula dos indígenas.

Depois desses ocorridos, padre e governador, juntamente com outros homens tramam assaltar a casa do casal Marín. Para tanto, executam no meio da noite o plano de assalto que é frustrado pelo campaneiro da cidade que ao observar a movimentação, toca-se o sino para alertar aos moradores. Com isso, a confusão e o caos tomaram conta das ruas da cidade.

Diante de tal ocorrido, vale destacar que muitos nativos foram mortos no conflito, inclusive Juan Yupanqui. E Marcela ferida gravemente, falece uns dias depois do ataque, deixando um segredo que só foi revelado para Lucía e para o padre que ouviu a conversa sem querer, porque estava no local para rezar pela alma da nativa em seu leito de morte. Portanto, Lucía e Fernando a pedido da índia antes da morte, aprenderam as duas meninas, dando-lhes um lar e educação. O padre após ouvir o segredo de Marcela, morreu louco e recluso em um mosteiro a tempos depois.

Outra personalidade que merece destaque também na obra é a figura de Manuel, um rapaz que havia chegado da capital a pouco tempo, era estudante de Direito, conhecido por ser um moço justo, honesto e de bom coração, diferentemente de seu pai que era o governador. Tais características do rapaz são evidenciadas no capítulo XV (2003, p. 38):

*Manuel era un joven de veinte eneros, de estatura competente, es decir, ni alto ni bajo, de semblante dulce y voz cuyo timbre sonoro le atraía las simpatías de sus oyentes. Sus labios rojos y delgados estaban sombreados por un bigote muy negro y sus grandes ojos resaltaban por un círculo ojeroso que los rodeaba. Su palabra fácil y su porte amanerado completaban el conjunto de un joven interesante.*

Assim, a personagem por possuir essas qualidades, faz-se amigo da família Marín, inclusive estava investigando quem era o autor daquela lamentável noite de horrores. Manuel, por visitar muito a casa de Fer-

nando, acabou apaixonando-se por Margarita.

No momento em que o casal de índios morre e as filhas são apadrinhadas pelo casal Marín, a obra muda de parte, de maneira que o foco da narrativa se torna o romance entre os jovens e na averiguação de Manuel sobre a noite de horrores. Porém, aconteceu outra injustiça na cidade que prejudicou dessa vez a família do campaneiro da igreja. Diante do acontecimento, Lucía e o esposo também interferem na situação, oferecendo ajuda às vítimas. Tal tirania ocorre, quando o coronel do povoado solicita a ordem de prisão do indígena. No capítulo V (2003, p. 84) lê-se: “– *Pues, mi gobernador, ahora mismo ponga un oficio al juez excitando su celo; ordene usted la captura de Isidoro Champí y póngalo en la cárcel a disposición del juzgado, y... a mi regreso arreglaremos – dijo el coronel*”.

No fim da história, os crimes foram desvendados, tendo por culpados o governador e seus comparsas. De tal modo, encontra-se registrado no capítulo XXIII (2003, p. 142): “– *Estéfano Benites, Pedro Escobeno, Hilarión Verdejo, se darán igualmente presos*”.

Outro fato esclarecido é o segredo de Marcela revelado por Fernando, dizendo a Manuel e a Margarita que a garota é filha do padre, já que sua mãe fora abusada por ele no período em que pagava a *mita*. Essa revelação impediu o romance dos jovens se concretizassem, porque Manuel também era filho do padre e não do governador. O narrador no capítulo XXXII (2003, p. 170) relata:

– *¡Hay cosas que anonadan en la vida...! ¡Valor, joven...! ¡Infortunado joven...! Marcela, en los bordes del sepulcro, confió a Lucía el secreto del nacimiento de Margarita, quien no es la hija del indio Juan Yupanqui, sino... del obispo Claro.*

Diante do apresentado, nota-se que *Aves Sin Nido* é uma narrativa de grande riqueza de detalhes, como geralmente são construídas as obras da estética realista, que conseguem muito bem proporcionar ao leitor uma ideia de como o índio era inserido na sociedade através do movimento indigenista.

### **3. *Clorinda Matto de Turner: voz defensora do feminino na literatura***

Clorinda Matto de Turner, escritora peruana, frequentava as reuniões do Círculo Literário em Lima. Alguns escritores do círculo promoviam uma literatura permeada de crítica ao egoísmo político e a injustiça

de direitos sociais. Por isso, esses autores se distanciaram do Clube Literário. Tal interesse por questões sociais não impediu Cuzco, cidade peruana onde Clorinda Matto de Turner nasceu, de destruir exemplares da obra *Aves Sin Nido*.

Como o poeta peruano Gonzalez Prada (1844-1918), a romancista era uma voraz leitora de obras literárias e culturais. Ambos, no sentido mais fundamental, compartilharam uma vasta bibliografia. Diante disso, Clorinda Matto de Turner teve preferência pelos livros peruanos, mais do que os franceses, alemães e italianos. Portanto, as obras peruanas predominaram em sua biblioteca. Além disso, a autora também demonstrou uma preferência pelos textos escritos sobre o colonialismo.

Assim, Clorinda Matto de Turner desenvolveu um pensamento mais amplo sobre a nação, seus problemas e suas perspectivas. Talvez por isso Clorinda Matto de Turner sofresse muitos abusos políticos no período da guerra civil de 1895. Assim, sofreu com a destruição da casa, além do acervo literário. Diante de tal problemática, aceitou o exílio no exterior, na Argentina. A provável causa desse fato acredita-se que seja devido à polêmica de seu romance *Aves Sin Nido*, em que a autora critica a Igreja e o Estado.

O primeiro livro que publicou em Buenos Aires foi *Boreales* (1902), miniaturas e porcelanas, uma coleção de esboços biográficos, discursos político e histórico. Em vários desses, a autora se mostra preocupada com a população indígena da nação. Recordando o tempo da derrota do Peru e da Bolívia na Guerra do Pacífico (1879-1883), Clorinda Matto de Turner descreve o sofrimento dos índios convivendo em um contexto político permeado de vinganças e intensos abusos, consequência da ganância e vaidade. Essas tendências egoístas tinham fomentado a divisão interna do Peru, que o tornou vulnerável ao Chile. (TURNER, 1902, p. 11-12)

Ao conceber ideários que contribuiriam para o desenvolvimento da nação peruana, Clorinda Matto de Turner não se limita a história de seu amigo Andrés A. Cáceres (1833-1923), líder político que a autora estabeleceu grandes laços de contribuição em seu governo. Sendo assim, cabe ressaltar que essa aliança trouxe prejuízos significativos para a vida da romancista. No entendimento de Beatriz Muller Marqués (2008, p. 109):

*A raíz de su colaboración con el gobierno de Andrés A. Cáceres, en 1895 las tropas del presidente Nicolás de Pierola ocuparon Lima, y destruyen la casa y la imprenta de los hermanos Matto. A partir de ciertas publicaciones*

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

*en abierto antagonismo con la alta sociedad del país y específicamente la de un relato sacrilego del escritor brasileño Coelho Netto en El Perú Ilustrado, la Iglesia Católica inicia una campaña totalmente en contra de Clorinda.*

Em uma biografia sobre Gregorio Pacheco (1823-1899), presidente boliviano, a autora reconhece a importância da ligação entre território e nação. Logo, para Clorinda Matto de Turner o significado de “pátria” está relacionado com o conceito de paz e respeito aos povos nativos. No entanto, essa harmonia é apenas ficcional. Então, a fim de “peruanizar” o país com a harmonia nacional, Clorinda Matto de Turner tem várias ferramentas: a terra, língua, literatura, cultura e principalmente a justiça. (TURNER. 1902, p. 62-63)

Desse modo, diante de uma nação em decadência, a autora adota a concepção comum em seu tempo: o Peru como uma nação doente. Resultado da violência da Guerra Civil, além da experiência de ser andina na capital costeira. Essa percepção de Clorinda Matto de Turner é fruto de uma vida intelectual, livros e encontros sociais, mas também de observação direta dos maus tratos sofridos por indígenas e pelas mulheres. Assim, Clorinda Matto de Turner recomenda três instrumentos que são indispensáveis para uma nação adquirir saúde: a imprensa, o púlpito e a cadeira universitária.

Tais armas representam três elementos em seu plano geral para regenerar a sociedade. Assim, na cadeia, Clorinda Matto de Turner encontra uma maneira pedagógica de libertar as mulheres. O jornalismo pode fornecer educação e evangelização, bem como maneira de inspirar uma consciência nacional. A Igreja possui vários papéis, como por exemplo, pregar a virtude contra a corrupção, além de formular a unidade religiosa da nação, alcançada através da evangelização dos índios.

Como se manifesta no prólogo da obra *Aves Sin Nido*, a literatura igualmente tem seu papel regenerativo na sociedade. Na concepção de Clorinda Matto de Turner serve como uma ferramenta na libertação de indígenas e mulheres. Mas para cumprimento dessa função, a obra literária precisa representar e respeitar a sociedade em que faz parte. Essa prática é fundamental na teoria da literata, que na verdade representa a verdadeira ideologia seguida por ela. Como se observa claramente, a literatura produzida pela autora possui engajamento social.

Como escritora, Clorinda Matto de Turner produziu uma literatura regional e integradora de várias convicções e perspectivas. A concepção da autora sobre a pátria não era apenas política e cultural, era também

feminista. Assim, para ela o jornalismo desenvolvia a atividade mais valiosa, quando feito para servir a causa da mulher. Diante disso, Clorinda Matto de Turner criou a revista *El Recreo* (1876) como espaço de expressão feminina e inclusão da mulher no mundo do trabalho. Evidencia Beatriz Muller Marqués (2008, p. 109): “*Igualmente, unos años después funda, junto con su hermano el Dr. David Matto, la imprenta La Equitativa en Lima, lugar en el cual solamente trabajaban mujeres [...]*”.

Segundo Clorinda Matto de Turner, o trabalho é necessário tanto para os homens quanto para as mulheres. A autora afirma que quando o comércio, a indústria e a educação funcionam juntos, o resultado é o crescimento da sociedade, um passo necessário para fortalecer uma nação. Do mesmo modo, com um espírito saudável, o trabalhador recupera a dignidade, tornando-se disponível para o trabalho industrial ou comercial, sem o qual não seria possível formar a estrutura de uma sociedade nacional.

O apelo da romancista à liberdade das mulheres é o mesmo para a justiça dos nativos. Tal fenômeno, a ligação entre a liberdade das mulheres e a dos indígenas era comum durante o século XIX. De igual modo, faz necessário salientar que é assim que um feminista vê a condição em relação a homens e mulheres de outras etnias.

#### **4. Análises das principais personalidades representativas do feminino**

A obra em estudo possui características marcantes do feminismo nas personagens Lucía e Marcela. Dessa forma, a autora exalta a importância do papel feminino na sociedade, além da relação entre as personagens e a vida de Clorinda Matto de Turner, funcionando como se fosse uma autorrepresentação. Mas, vale ressaltar que não foram apenas essas duas personagens portadoras da voz feminina destacadas no desenrolar do enredo da obra em estudo, e sim um grupo de mulheres de diferentes classes sociais. Declara Rocío Ferreira (2005, p. 14):

*Además habría que puntualizar que son las mujeres de los distintos grupos sociales Marcela Yupanqui, Lucía Marín, Petronila Pancorbo, Martina Champi y Teodora- las que precisamente toman la iniciativa de denunciar las injusticias y son las que buscan solucionar los problemas que generan las atrocidades que cometen los <<notables>> de Kíllac.*

Sendo assim, a partir da visão crítica da autora, encontra-se no capítulo II da obra a caracterização física das duas personagens. Desse modo, Marcela é qualificada como uma mulher de classe social desfavorável

em relação à personagem Lucía. Tal fato é registrado da seguinte maneira (2003, p. 4): “*Estaba vestida con una pollerita flotante de bayeta azul oscuro y con corpiño de pana café, adornado al cuello y bocamangas con franjas de plata falsa y botones de hueso*”.

Diante disso, apreende-se que Marcela usa vestimentas de índia, além de fazer parte de uma sociedade oprimida. Já Lucía pode ser considerada uma mulher pertencente a uma classe social nobre, pois na época só podiam ter acesso à educação pessoas que pertenciam a um padrão econômico melhor. Isso se confirma com a descrição feita pela romancista no início do capítulo IV (2003, p. 8): “*Había recibido bastante buena educación, y la perspicacia de su inteligencia alcanzaba la luz de la verdad estableciendo comparaciones*”.

Assim, reafirmando as considerações sobre a figura das duas personagens, Rocío Ferreira (2005, p. 4) salienta que Clorinda Matto de Turner em *Aves Sin Nido* representou a esposa de Marín como sendo “*a la mujer educada el rol civilizador de madre republicana*”. Com isso, compreende-se que cabe a mulher, como figura feminina, proporcionar a formação cidadã a partir de seu meio doméstico. E em contrapartida, a personagem Marcela é apontada também por Rocío Ferreira (2005, p. 5) como a “*la triplemente marginada mujer indígena por su género, clase y raza*”.

Um ponto semelhante entre essas figuras femininas é a postura que elas apresentam diante da sociedade em que fazem parte. Igualmente, Marcela mesmo sendo oprimida, não desiste de seus ideais que consiste em lutar para manter sua família protegida. Para que isso ocorra, a índia rompe com os padrões femininos de época, no momento em que ela se depara com o desespero do marido, e sai em busca de ajuda. Tal episódio é identificada no capítulo II (2003, p. 4) quando a indígena diz para Lucía: “*y sin que sepa Juan vengo a implorar tu socorro, por la Virgen, señoracha*”. Como se percebe, Marcela demonstra no trecho citado que Juan não sabia de sua ida à cidade para buscar ajuda, já que precisava manter sua família protegida.

Já em Lucía, o momento de ruptura com os padrões da época, foi quando decidiu lutar pela causa da índia, tendo como início a organização de uma reunião com o padre e com o governador da cidade para pedir-lhes que perdoassem as dívidas da família de Juan Yupanqui. O fragmento que menciona tal fato encontra-se no capítulo II, (2003, p. 6) “*Hoy mismo hablaré con el gobernador y con el cura, y tal vez mañana*

quedarás contenta”.

Portanto, observa-se que ambas personagens são corajosas, fazem o que conseguem para proteger suas famílias. Tanto que a personagem indígena, sabendo que a filha caçula tinha sido pega como pagamento do *reparto*, saiu desesperada atrás da ajuda de Lucía. Marcela sabia que teria ajuda se pedisse. No capítulo IX (2003, p. 20), o trecho que melhor aponta a descrição é em uma das falas da índia, que diz: “*¡Misericordia, niñay! El cobrador se ha llevado a mi hija menorcita, por no haber encontrado la lana. ¡Ay! ¡Ay!*”.

Outro ponto de destaque na trajetória da personagem Marcela é o momento onde ela e a filha Margarita vão à casa paroquial para pagar em moedas de prata, a dívida que tinha com o padre. Tal registro encontra-se no capítulo XII (2003, p. 27): “*ahora vengo a pagar los cuarenta pesos del entierro de mi suegra, para que quede libre la cosechita de papas...*”. Nesse momento da narrativa Marcela explica ao padre o motivo de sua ida a casa paroquial.

Sobre a luta por direitos, vale ressaltar o episódio em que a senhora Marín pede ajuda financeira ao seu esposo Fernando para pagar a dívida da família indígena feita com o padre Pascual. Esse ocorrido é contado no capítulo VII (2003, p.15). Segundo a narração da autora, Lucía pede para seu marido a quantia de dinheiro necessária para pagar a dívida da índia em troca do vestido que havia lhe pedido. Dessa maneira, Fernando por ser um homem de boa índole, concede o pedido da esposa.

É importante destacar também, a ocasião em que Lucía suplica ao seu esposo ajuda para solucionar o sequestro de uma das filhas do casal de índios. No capítulo IX (2003, p. 21) a senhora Marín, diz:

– *¡Fernando, Fernando mío! ¡Nosotros no podemos vivir aquí! Y si tú insistes, viviremos librando la sangrienta batalla de los buenos contra los malos. ¡Ah!, ¡salvémoslos! Mira a estos desventurados padres. ¡Para socorrer a éstos te pedí los doscientos soles, pero aun antes de haber hecho uso de ellos les han arrebatado su hija menor y se la llevan a la venta! ¡Ah! ¡Fernando! Ayúdame, porque tú crees en Dios, y Dios nos ordena la caridad antes que todo.*

Através do supracitado, pode-se observar que por mais que as mulheres indígenas tenham coragem de correr atrás de seus direitos, sozinhas não iriam conseguir fazer nada. Isso porque a sociedade discrimina de maneira geral as mulheres, mas especialmente as indígenas como Marcela e Martina. Por isso, não alcançariam nada se não fossem através

da ajuda prestada por Lucía. Sendo assim, na concepção de Verónica Baltodano (2013, p. 160): *“Lucía es, por tanto, un modelo sagrado, una especie de heroína civilizadora que porta las bendiciones divinas y la verdad. Su intercesión favorece a los débiles y propicia la caída de los poderosos”*.

De certa forma, a mulher que consegue modificar alguns padrões da sociedade, que motiva a renovação social, é a mulher branca. Tal afirmativa se ratifica com as palavras de Verónica Baltodano, (2013, p. 161) *“La mujer es el cambio, el motor de la renovación social, pero solamente la mujer blanca”*. Por essa razão, identifica-se a presença das duas índias no contexto da história, ambas com histórias parecidas, porque necessitavam de ajuda para combater as injustiças da sociedade.

Essa informação encontra-se no capítulo XVIII (2003, p. 124), no momento em que Martina busca ajuda na família Marín, e Lucía a compara com Marcela. Então, lê-se: *“– Esta es la Martina... mujer del Tapara –repuso doña Petronila, cuando Lucía se tapaba los ojos con ambas manos, murmurando para sí: – ¡Marcela! ¡Marcela! ¡Parece su hermana!”*.

Mesmo as personagens tendo dificuldades de conseguirem seus direitos dentro dos seus padrões sociais, elas não desistem e por conta disso, faz-se necessário destacar a personagem Petronila Pancorbo. A figura representativa dela é de uma mulher apaziguadora, pertencente a mesma classe social de Lucía. Petronila Pancorbo é casada com o governador, um homem altamente opressor e tirano. Ao contrário dele, desenvolve o papel de tentar abrandar a tirania de seu esposo e transformá-lo em uma pessoa bondosa. Sobre a personagem, Verónica Baltodano (2013, p. 157) afirma que:

*Petronila comparte muchos rasgos con Lucía, como su bondad y su conciencia social, se aleja de ella en el sentido de estar sometida al poder de su esposo, convirtiéndose en un sujeto pasivo, positivo por su condición de mujer, pero incapaz de tomar acciones ante las situaciones adversas.*

No capítulo X (2003, p. 24-25) Clorinda Matto de Turner registra a cena após Fernando sair da casa do governador, quando foi resgatar a filha do índio Juan. A esposa do governador, toma o marido pelo braço e discute sobre a maldade que ele acabara de fazer com a família do Fernando. O trecho que melhor aponta essa discussão, *“– Estoy al cabo de todo lo que ustedes fraguan contra ese pobre don Fernando y su familia, y te pido que te apartes. ¡Aparte, por Dios, Sebastián! Acuérdate de...*

*nuestro hijo, se avergonzaría mañana”.*

Analisando estas duas figuras femininas, Lucía e Petronila, nota-se no decorrer da novela que as duas possuem o mesmo objetivo: lutar por uma sociedade mais justa. Porém, enquanto uma é altamente ativa e expõe à sociedade sua causa, a outra representa a mulher passiva, que não revela suas pretensões, que se encaixa em uma conduta patriarcal, mas ao mesmo tempo, de suma importância em seu meio familiar.

Clorinda Matto de Turner, em sua novela, buscou de certa forma expor suas inquietudes sobre a sociedade pertencente a época da obra. Uma delas é o repúdio que sentia em relação ao modelo tradicional e patriarcal de se conceber a sociedade, presente nos abusos por parte dos religiosos praticados contra as mulheres. Portanto, é necessário destacar que o motivo pelo qual o par romântico da novela não fica junto no final da história, como é de se esperar nas histórias de amor, é porque ambos eram frutos de estupro, causado pela mesma pessoa. A autora utiliza desse artifício justamente para denunciar que o estupro não era um homem comum da sociedade e sim um padre, cujo papel é justamente fazer o bem e não cometer atrocidades como a registrada na narrativa.

Em resposta aos abusos religiosos, a autora descreve Lucía como uma mulher que também depreciava o sistema devoto e que não se calou quando em uma de suas falas no capítulo V (2003, p. 11), desabafa sobre o que pensa a respeito do padre de Kíllac, dizendo que:

*– No, no, ese hombre insulta al sacerdocio católico; yo he visto en la ciudad seres superiores, llevando la cabeza cubierta de canas, ir en silencio, en medio del misterio, a buscar la pobreza y la orfandad para socorrerla y consolarla; yo he contemplado al sacerdote católico abnegado en el lecho del moribundo; puro ante el altar del sacrificio; lloroso y humilde en la casa de la viuda y del huérfano; le he visto tomar el único pan de su mesa y alargarlo al pobre, privándose él del alimento y alabando a Dios por la merced que le diera. Y, ¿es ese el cura Pascual?... ¡Ah! ¡curas de los villorrios!...*

O resultado disso encontra-se no fato da personagem sentir necessidade de resolver o problema, algo que de acordo Farfán (2005, p. 59) não era um papel comum para as mulheres. Ainda, cabe evidenciar que possivelmente a própria autora de uma maneira indireta, queira destacar que as mulheres devem ter voz política na comunidade, assim como ela mesma teve em sua vida.

Um fato da vida da novelista que pode ser comparado à vida da personagem Lucía, está relacionado à ocasião em que a autora foi excomulgada pela Igreja após o lançamento da obra: *Aves Sin Nido*. Como

não bastasse, como já citado anteriormente, Clorinda Matto de Turner teve a casa invadida e alguns bens queimados. Lucía não foi escorraçada pela igreja como a autora, mas foi expulsa pelo padre e seus comparsas. Além de ter a casa invadida em um complô criado contra eles, onde resultou a morte do casal de índios, Marcela e Juan Yupanqui.

Por ser uma obra de tamanha repercussão social que expõe de maneira tão intensa a necessidade de a mulher ter a própria voz perante a sociedade, vale lembrar a frase de Sonia Mattalía (2010, p. 6), que revela que *Aves Sin Nido* é “*una obra que marcó un hito en el largo trayecto de la independencia de las mujeres latino-americanas*”.

Além disso, é relevante destacar os autores que estudaram a obra em apreço. Em sua maioria, tais pesquisadores concordam com a importância da figura feminina representada na novela. Em vista desse argumento, Jácomo (2000, p. 15) destaca que a relevância da mulher na obra faz parte de “*un vago feminismo romântico*”. Isso porque a mulher era vista à margem de uma sociedade, onde somente os homens que prosperavam e possuíam vez.

Portanto, a figura feminina, por sua vez, serviria apenas para cuidar dos afazeres domésticos, representando a imagem de uma mulher educada e boa mãe. De tal forma, a mulher não iria se posicionar contra as decisões de seus esposos. Já as mulheres de Kíllac, não interferem mesmo nos planos dos maridos, contudo com bondade natural, conseguem frear o instinto explorador do homem.

## **5. Considerações finais**

O desenvolvimento da presente pesquisa permitiu identificar através de apreciações a representatividade do movimento feminista retratada nas personagens femininas na obra ficcional *Aves Sin Nido*. Para tanto, apresentou aspectos gerais da novela, abordou a figura de Clorinda Matto de Turner como voz defensora da mulher na Literatura Hispano-americana, além de expor análises de trechos da obra, destacando as principais personalidades representativas do feminismo.

Dessa forma, evidenciou-se que a novela pertence à estética realista, que por sua vez, trata os fatos narrados com intensa relação com a realidade, criticando os abusos sociais praticados contra as classes sociais marginalizadas. Na narrativa o índio é apresentado por Clorinda Matto de Turner como uma figura inserida na sociedade, por isso, afirmar que a

obra sofre influências do movimento literário indigenista. Logo, tal nativo é tratado com desprezo tanto pelo Estado quanto pela Igreja.

Além disso, percebe-se que Clorinda Matto de Turner buscou em sua narrativa descrever diferentes classes sociais. Sempre, com um olhar crítico sobre as injustiças cometidas contra os povos nativos e, principalmente o cuidado em dar voz às personagens femininas. De tal maneira que a mulher passa a exercer um papel importante familiar na companhia do esposo, sem desmerecer o marido, mas indo além do que lhe foi confiado socialmente.

Sobre as análises, percebeu que a mulher representada na obra aparece como um modelo feminino no qual se busca construir uma nova sociedade. Um retrato inspirado na própria vida da autora. Para isso, a novelista idealizou personagens femininas com mais de um perfil. Assim, encontra-se Lucía que enfrentou com mais bravura representantes importantes da sociedade, mas também se depara com Pretonila que já é uma personagem feminina construída pela novelista com personalidade mais contida. Contudo, as duas representantes femininas lutavam pelos mesmos ideários libertários.

Por outro lado, Clorinda Matto de Turner destaca na narrativa mais duas mulheres, Marcela e Martina que representam a classe feminina marginalizada da sociedade. Tais mulheres fazem parte de um grupo que servem como exemplo de virtudes capazes de melhorar a realidade social e cultural em que a autora escreve a obra.

Portanto, é importante destacar que os autores citados, como referencial teórico na presente pesquisa, analisam as figuras femininas como importantes personalidades que lutam por uma sociedade justa. Sendo as indígenas intercessoras dos seus, e as personagens Lucía e Petronila, mulheres brancas prestigiadas, qualificadas para construir ou mudar o destino de uma nação que vive sob um regime patriarcal.

Para se chegar a essas averiguações, construiu-se este artigo, que por certo servirá de enriquecimento para os estudos da literatura hispano-americana, em especial quando o enfoque estiver relacionado à representatividade feminina na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGUEDAS, José María. *El indigenismo em el peru*. Disponível em: <[http://www.ciesas.edu.mx/publicaciones/clasicos/00\\_CCA/Articulos\\_CCA/CCA\\_PDF/032\\_ARGUEDAS\\_El%20indigenismo\\_en\\_el\\_Peru.pdf](http://www.ciesas.edu.mx/publicaciones/clasicos/00_CCA/Articulos_CCA/CCA_PDF/032_ARGUEDAS_El%20indigenismo_en_el_Peru.pdf)>. Acesso em: 19-08-2017.

BALTODANO, Verónica. La imagen de la mujer en *Aves sin Nido*, de Clorinda Matto de Turner. *Temas de Nuestra América*, ano 2013, n. 53, p. 151-163. Ene./jun.2013.

FARFÁN, Michelle. Un análisis de la modernidad en *Aves sin nido*, de Clorinda Matto de Tuner. *Revista Hipertexto I*, p. 55-63, 2005. Disponível em: [http://www.utrgv.edu/hipertexto/\\_files/documents/articles/hipertexto-01/michelle-farfan.pdf](http://www.utrgv.edu/hipertexto/_files/documents/articles/hipertexto-01/michelle-farfan.pdf). Acesso em: 1 nov. 2017.

FERREIRA, Rocío. Clorinda Matto de Turner, novelista y los aportes de Antonio Cornejo Polar al estudio de la novela peruana del siglo XIX. *Revista de Crítica Literária Latino-americana*, ano 31, n. 62, p. 27-51, 2005. Disponível em: <<http://www.biblioteca.org.ar/libros/153584.pdf>>. Acesso em: 09-10-2017.

FERRO, Cora; QUIROZ, Ana María. *Mujer, realidad religiosa y comunicación*. San José: APROMUJER, 1993.

JÁCOME, Benito Varela. *Novela hispanoamericana del siglo XIX*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Introducción a “Aves sin nido”, de Clorinda Matto de Turner*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000.

MARQUÉS, Beatriz Muller. *¿Feminino o feminista? Mensajes para el presente de tres escritoras hispanas del siglo XIX*. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade do Sul da Flórida, Flórida, 2008. Disponível em: <http://scholarcommons.usf.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1417&context=etd>. Acesso em: 2-11-2017.

MATTALÍA, Sonia. La representación del “otro”: <<Aves sin nido>>, de Clorinda Matto de Turner. Biblioteca Virtual Universal, 2010. Disponível em: <<http://www.biblioteca.org.ar/libros/155510.pdf>>. Acesso em: 1-11-2017.

REAL Academia Española. *Salvat léxico*: diccionario de la lengua. Barcelona: Enterprise Idiomas, 2001.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

TORO, Julián Córdoba. El trabajo indígena en los Andes. La mita. *Revista-RED de Estudios Sociales*. Disponível em:

<<https://iberoamericasocial.com/el-trabajo-indigena-en-los-andes-la-mita>>. Acesso em: 16-10-2017.

TURNER, Clorinda Matto de. *Boreales*, Miniaturas y Porcelanas. Buenos Aires: Imprenta de Juan A. Alsina, 1902.

\_\_\_\_\_. *Aves sin nido*. Biblioteca Virtual Universal, 2003. Disponível em: <<http://www.biblioteca.org.ar/libros/71077.pdf>>. Acesso em: 15-08-2017.